

ANÁLISE MICROESTRUTURAL DE ROCHAS METAPELÍTICAS DA FORMAÇÃO SERRA DA GARAPA, GRUPO SANTO ONOFRE, NO CINTURÃO DE DOBRAMENTOS E CAVALGAMENTOS DO ESPINHAÇO SETENTRIONAL, BAHIA.

*Caroline Novais Bitencourt¹; Simone Cerqueira Pereira Cruz²; Johildo Salomão
Figueiredo Barbosa³; Ravena Santos Vitória⁴; Marcelo Oliveira Cruz⁵*

1,2,3,4,5 UFBA

O Grupo Santo Onofre é uma unidade do Supergrupo Espinhaço que aflora no Cinturão de Dobramentos e Cavalgamentos do Espinhaço Setentrional, na porção sudoeste do Corredor do Paramirim. O contato oeste do Grupo Santo Onofre com as rochas do Complexo Santa Isabel, de idade arqueana, se faz através da Zona de Cisalhamento Santo Onofre, com cinemática reversa, ao passo que o contato desse grupo a leste se faz com a Sequência Metavulcanossedimentar Licínio de Almeida através da Zonas de Cisalhamento Carrapato, também reversa. Na área de estudo, a Formação Garapa compreende intercalações de metapelitos xistosos, com proporções variáveis de granada, estauroлита, moscovita, quartzo, grafita e biotita, e metaquartzarenitos. Essa unidade está cavalgada pela Formação Bandeirinha, também do Grupo Santo Onofre. De leste para oeste, em direção à zona de cisalhamento de Santo Onofre há diminuição gradativa na quantidade de granada e estauroлита, predominando, nesse caso, filitos grafitosos. Amostras de rochas com esses minerais foram estudadas em detalhe e pôde-se observar a presença de uma foliação deformacional (S1, Fase D1) e de crenulação que desenvolve-se sobre S1, formando uma clivagem espaçada S2 (Fase D2). A granada apresenta três gerações distintas: (i) pré-tectônica à S1, xenoblástica, cujas inclusões são aleatórias e a crenulação é deflexionada em suas bordas; (ii) sin-tectônica à S1, subidioblásticas a idioblásticas, com inclusões orientadas, curvas e sigmoidais, mostrando uma relação de continuidade entre a foliação externa (S1 ou Se) e a foliação interna (Si). Além disso, há deflexão da S1 (ou Se) e da clivagem de crenulação S2 nas bordas do mineral. Em alguns casos é possível identificar microestrutura *snowball*; (iii) cedo D2, subidioblástica, que cresce nas bordas da granada das gerações anteriores e apresentam inclusões dobradas, mas as dobras nesse caso possuem maior amplitude do que as crenulações posicionadas externamente aos grãos, na matriz rica em filossilicatos. A estauroлита possui inclusões retas, não crenuladas, e a foliação S1 não desvia nos porfiroblastos. Nesse sentido, sugere-se um crescimento intertectônico entre D1 e D2 para esse mineral. Moscovita, biotita e quartzo apresentam-se, em geral, orientados segundo a foliação S1 e clorita orienta-se paralelamente à S2. A partir da análise microestrutural e da mineralogia encontrada pode-se sugerir duas fases deformacionais progressivas e um único evento de

metamorfismo com paragênese prógrada de fácies anfibolito, constituída por moscovita-biotita-granada-estaurolita-quartzo, e retrógrada de fácies xisto verde, com clorita e quartzo. Esse metamorfismo estaria associado com as deformações que culminaram com a estruturação do Corredor do Paramirim, no Neoproterozóico. O ineditismo desse trabalho é a presença de paragênese metamórfica de fácies anfibolito na Formação Garapa, especialmente no seu contato com a Formação Bandeirinha em um belo afloramento no riacho dos Porcos. Anteriormente, essas rochas foram associadas com a Sequência Metavulcanossedimentar Licínio de Almeida, mas o mapeamento geológico recente vem demonstrar que tratam-se de rochas do Supergrupo Espinhaço. As condições de temperatura e pressão ligadas ao evento metamórfico identificado ainda estão sendo estudadas através de pseudoseções.

PALAVRAS-CHAVES: METAMORFISMO, GRANADAS E DEFORMAÇÃO.